

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO -
UNAHCE
CURSO DE HISTÓRIA**

LUCAS BIEGER RODRIGUES

**TEX NA PATAGÔNIA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES
HISTÓRICAS NOS QUADRINHOS**

**Criciúma – SC
2016**

LUCAS BIEGER RODRIGUES

**TEX NA PATAGÔNIA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES
HISTÓRICAS NOS QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de licenciado no curso de
História da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Tiago da Silva Coelho

**Criciúma – SC
2016**

LUCAS BIEGER RODRIGUES

**TEX NA PATAGÔNIA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES
HISTÓRICAS NOS QUADRINHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Ensino de História.

Criciúma, 06 de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - UNESC - Orientador

Prof. Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - UNESC

Prof. Michelle Maria Stakonski Cechinel - Mestre - UNESC

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações históricas encontradas na história em quadrinhos Patagônia, da coleção Tex, que representa um período da história argentina denominado 'campanha do deserto', cujo processo culminou no extermínio das populações indígenas locais. Através de análise bibliográfica procura-se encontrar elementos equivalentes e distintos entre essa produção e o conjunto discursivo-visual produzido durante o período que os fatos aconteceram, conjunto que condicionou a instauração de uma ordem visual que legitimou e propiciou as condições para que esse processo de dizimação ocorresse. Ademais, busca-se ponderar acerca dos possíveis usos de histórias em quadrinhos, seja como fonte documental e/ou enquanto material de apoio no ensino de História.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos, representações, Argentina, Ensino de História;

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2. A CAMPANHA DO DESERTO: AS RELAÇÕES ENTRE A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL ARGENTINO E OS INDÍGENAS	10
2.1. A ARGENTINA NO SÉCULO XIX	10
2.2. A EXPANSÃO ECONÔMICA	13
2.3. “A CAMPANHA DO DESERTO”	16
3. AS REPRESENTAÇÕES DOS INDÍGENAS E DO PAMPA ARGENTINO	19
3.1. A “GERAÇÃO DE 1837” E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO ARGENTINO NO SÉCULO XIX.....	19
3.2. TEX E A PATAGÔNIA: UM COWBOY ENTRE OS <i>GAUCHOS</i>	25
4. AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ENSINO DE HISTÓRIA	37
4.1. UM BREVE HISTÓRICO DAS HQS.....	37
4.2. AS HQS COMO FONTE DE PESQUISA	40
4.3. AS HQS COMO RECURSO DIDÁTICO.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo, para que se possa compreender melhor a discussão que este trabalho propõe, se faz necessário ressaltar as motivações pelo qual as Histórias em Quadrinhos (a partir de agora abreviadas como HQs) foram aqui escolhidas como objeto de pesquisa. Tenho uma relação com as mesmas desde a infância, por incentivo de meu pai que coleciona HQs desde sua adolescência e que me incentivava a leitura através desta linguagem desde quando eu era bem pequeno.

Este envolvimento, principalmente com a coleção de Tex, a tornou “natural” como escolha para objeto de pesquisa. Porém, foi somente durante a graduação que esta possibilidade me foi exposta, uma vez que não havia percebido ainda, que as HQs podem ser consideradas fontes para a análise historiográfica. Durante a sexta fase em uma aula da disciplina de História da América, optei por levar algumas revistas para que estas pudessem ser analisadas em sala, e foi aí que o professor dessa disciplina, Carlos Renato Carola me sugeriu que as usasse como objeto para construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A escolha pela edição em questão se deu pelo fato de ser a única que possuiu que apresente um enredo situado no hemisfério sul do mundo, e tão próximo a nós, na Argentina, possibilitando analisar através dos quadrinhos, um fato histórico tão relevante na formação deste país, procurando então através dessa análise encontrar verossimilhanças entre a ficção quadrinizada e a historiografia acerca do tema.

Para tal, o presente trabalho buscará analisar a representação histórica encontrada na edição da coleção de Histórias em Quadrinhos Tex denominada Patagônia, cujo recorte temporal e espacial contempla o objeto deste estudo que está voltado a apropriação dos aspectos culturais e sociais das comunidades indígenas encontradas no espaço que se sugere pelo título da edição.

Conceito este de representação baseado no viés da História Cultural, disseminado por Sandra Pesavento e Paul Ricoeur por exemplo, que define-a construção de uma narrativa acerca do real, onde a existência é colocada enquanto possibilidade, não buscando tomar o lugar do passado, mas sempre visando contemplá-lo.

O personagem Tex Willer, criado em 1948 pelos italianos Giovanni Luigi Bonelli e Aurélio Galleppini, representação de um ‘típico homem do Oeste Americano’

baseado na imagem do *cowboy*, é um daqueles raros casos de longevidade no mundo das histórias em quadrinhos (HQs), ou seja, um dos poucos casos onde uma coleção de HQs mantém suas publicações e seu público por longos períodos de tempo.

A primeira história de Tex divulgada primeiramente em jornais na Itália, “Chamava-se “Il Totem Misterioso”. Publicada inicialmente no formato de tiras semanais, uma aventura se completava ao final de 96 tiras, obrigando os leitores a comprar sempre a próxima edição para chegar ao fim da aventura. Mas Tex fez tanto sucesso que passou a ser publicado no formato revista.” (Fonseca, Fogo, 2015, s/p.)

A partir do sucesso que a coleção foi adquirindo, suas revistas passaram a ser cada vez mais difundidas pelo mundo, tendo até os dias atuais, publicações em diversos países. Em decorrência das mudanças de público leitor, tecnologias e pela entrada de novos roteiristas e desenhistas ao longo dos anos, como Mauro Boselli e Cláudio Villa nos anos 80, as histórias de Tex foram se moldando e se modificando, porém sem perder sua essência, de ação e aventura.

Os quadrinhos de Tex tem como pano de fundo boa parte da segunda metade do século XIX, partindo dos anos 1840, onde o personagem vive sua juventude, vivendo como vaqueiro, peão de rodeios e até um período como fora-da-lei, até ser convidado a fazer parte do corpo dos *Rangers* do Texas, instituição no qual se estabelece e conhece seu principal parceiro denominado Kit Carson, e incorpora como parceiros seu filho Kit Willer, chamado assim em homenagem a Carson, e Jack Tigre, um índio da etnia *navajo*, do qual Tex é chefe, formando assim o quarteto de protagonistas.

Tex tem publicações no Brasil desde o início dos anos cinquenta e se mantém publicando até os dias de hoje. Tendo poucas interrupções ao longo dos anos e contendo ainda uma grande quantidade de fãs espalhados não só por este país, mas por diversos outros no mundo.

Dentre suas temáticas de publicação encontra-se como um dos principais focos de seus enredos, as relações entre o personagem principal e os indígenas americanos, sendo estes de México, E.U.A, Canadá ou em especial, nesta edição que servirá como objeto de análise, os indígenas argentinos.

É no contexto das colonizações nas Américas, empregado com muita violência que se deu o avanço do ‘progresso’ europeu contra aquelas culturas daqui originárias e consideradas ‘obsoletas’, que se insere o processo conhecido como *La Conquista del Sur* na Argentina.

É nesse processo que os indígenas são dizimados ou expulsos do território onde hoje se delimita a Argentina. Como tal, semelhante aos demais processos colonizadores americanos, com um avanço ao interior do território antes habitado por populações originárias à fim de aumentar a delimitação de um maior aglomerado de terras para exploração.

O presente trabalho através de revisão bibliográfica tem busca perceber como as HQs podem ser usadas, seja como fonte documental para o estudo de determinada época, quanto como material de apoio para promover em sala de aula reflexões sobre as motivações dos anacronismos encontrados nas representações de culturas do passado.

Para tal procurará comparar fontes bibliográficas acerca da temática com a produção feita através da História em Quadrinhos já apresentada, de tal forma a encontrar semelhanças e diferenças com a finalidade de procurar traçar um panorama mais completo sobre o que foi apenas obra de ficção e o que se aproxima mais dos fatos acontecidos. Tal qual analisar o processo e contexto de produção do objeto de estudo, à fim de entender melhor sua criação e fundamentação, e procurar apresentar meios de utilizar tal ferramenta no estudo de História.

A partir da análise dos resultados decorrentes da pesquisa então o intuito é demonstrar meios de utilização dos mesmos no ensino de História, uma vez que se tem a intensão de produzir alguma forma de retorno dos estudos para além da comunidade acadêmica, a partir da relevância que o uso das HQs como ferramenta pedagógica tal qual o tema apresentado pode contribuir para a fluência de aulas mais dinâmicas sobre o contexto colonial americano. Portanto, buscará então apresentar o que se pode apropriar do que é representado nas HQs para o ensino de História e a análise do contexto colonizador na América colonial.

Em um primeiro momento se faz uma contextualização do período no qual a Argentina iniciou seu processo de formação enquanto nação, buscando compreender os elementos econômicos, sociais e culturais que culminaram no extermínio dos indígenas através das campanhas militares conhecidas como 'campanha do deserto', analisando então os conceitos que permeavam a mentalidade argentina, conceitos como 'deserto', 'civilização' e 'barbárie' que dentro de um discurso construído ao longo dos anos, contribuiu de maneira drástica para a legitimação de ações contra os povos autóctones.

Num segundo momento a discussão tem como foco a construção deste discurso legitimador através de uma análise acerca das representações do período estudado à fim de entender suas motivações e suas intencionalidades, em contraponto a representação mais atual do tema, na figura da HQ Patagônia procurando perceber alguma mudança de paradigma entre estes discursos.

Já num terceiro momento, o foco é analisar as HQs de modo geral enquanto fontes de análise e como recurso à ser utilizado em sala de aula no ensino regular, procurando traçar a trajetória desta linguagem específica, procurando apresentar possibilidades diferentes para o uso dela, tendo como parâmetro os trabalhos de alguns autores como Marco Tulio Vilela e Marjory Cristiane Palhares que discutem tal temática.

2. A CAMPANHA DO DESERTO: AS RELAÇÕES ENTRE A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL ARGENTINO E OS INDÍGENAS

2.1. A ARGENTINA NO SÉCULO XIX

Antes de se problematizar os elementos que constituíram a formação do Estado nacional argentino há de procurar compreender os elementos que compunham a formação moral da sociedade *criolla*, isto é, aquela formada pelos descendentes dos colonizadores espanhóis que se estabeleceram na Argentina com relação a sua noção de 'sociedade', 'civilização' e 'deserto'.

Apesar de se tornar independente política e economicamente da colonização espanhola muitos foram os resquícios deixados pelas relações colônia e metrópole, acerca dessa formação de mentalidade e visão de mundo por parte da elite *criolla*, foi muito influenciada pelas concepções vindas do continente europeu.

O panorama que se apresentava era o de um país em formação, após o contexto de colonização seguido por um período de ditadura, buscando construir uma identidade, a imagem do 'argentino'. Para tal um grupo de intelectuais argentinos, usufruindo deste aparato de conceitos vindos da Europa procuraram definir essa identidade a partir da figura do homem "civilizado", isto é, o *criollo* ou imigrantes vindos da Europa.

Como destaca Ana Carolina G. Pompeu (2012, p.10) este grupo de intelectuais ficou conhecido como "Geração de 37" e pelas décadas que se seguiram durante o século XIX continuaram influenciando com seus romances as concepções sobre a sociedade argentina. Geração esta que será objeto de análise posteriormente no decorrer deste trabalho.

Após a queda da ditadura de Juan Manuel Rosas no ano de 1852, na argentina passou a configurar um novo momento político, onde novas formas de governo podiam ser implantadas.

Este processo fez surgir uma disputa pelo poder entre Buenos Aires e as demais províncias que constituíam o território argentino no período. Esta dicotomia fez emergir dois modelos diferentes de construção do Estado argentino. Com a vitória do projeto político de Buenos Aires, representada pelo setor oligárquico de grandes estancieiros – sendo a província que detinha maior poder aquisitivo, proveniente das atividades exportadoras de produtos vinculados a pecuária do início do século XIX – se fez possível o início da construção do Estado argentino.

A Constituição de 1853, inspirada nas concepções da “Geração de 37” vislumbrava um projeto nacional, cuja base estaria no modelo europeu de ‘progresso’, modelo cujo o intuito seria a construção de uma sociedade a partir dos moldes da ‘civilização’ europeia e ocidental, reduzindo cada vez mais o espaço dos povos indígenas, uma vez que estes dentro destas concepções não se encaixavam pelo seu modo de vida, considerado ‘não-civilizado’.

Esta Constituição centralizava o poder em Buenos Aires e determinava os papéis das demais províncias no Estado argentino. Papéis estes determinados muitas vezes pelo contínuo crescimento da atividade pecuária e da perspectiva de modernidade que cada vez mais fazia parte do país em desenvolvimento.

Para tal o Estado argentino deveria consolidar as bases econômicas e sociais para possibilitar o sucesso de seu projeto de desenvolvimento de ‘civilização’ e ‘progresso’ almejado. Dentre os desafios deste projeto, estavam as deficiências com transportes e meios de comunicação, a ausência de população e o ‘problema secular’ com os índios em sua fronteira interna. “O incremento da modernidade com a construção de ferrovias, canais navegáveis, meios de comunicação, era o caminho que tornaria possível civilizar ‘áreas de deserto’ e edificar um país forte e centralizado.” (POMPEU, 2012, p. 50)

A fronteira interna está delimitada no período como uma faixa territorial móvel e dinâmica de relações diversas entre *criollos* e indígenas, indo para além de um espaço dicotômico e estável entre duas culturas diferentes onde as mesmas estão ‘divididas’, como o conceito de maneira mais usual sugere. Este espaço fronteiriço tem como característica então, um espaço de relações heterogêneas ao longo de sua extensão, ora amigáveis, de comércio e interação, ora de disputa e conflitos.

Esta fronteira delimitava então o espaço e o ‘lugar’ de cada grupo social, fosse ele ‘civilizado’ ou não, separando o ‘país’ do ‘deserto’, termo empregado no período para designar o território argentino que transpunha esta fronteira interna, sendo sinônimo da ‘barbárie’, isto é, da falta de ‘civilização’. “Para os argentinos das elites intelectuais de 1837 e 1880, a palavra ‘deserto’ carregava um conjunto de significados e verdades; instaurava uma ordem de valores e práticas que são antes representações.” (SOUZA, 2015, p. 111)

Desde 1833, com Rosas, havia a concepção de que este ‘deserto’ devia ser ‘povoado’, e assim ‘civilizado’. A questão era definir quem seriam tais colonizadores. E todos os discursos do período, até os encontrados na Constituição de 1853,

apontavam para um processo de imigração europeia à fim de povoar este espaço. Porém, cabia ao Estado propiciar um panorama que atraísse este processo de imigração.

Partindo desse pressuposto o Estado argentino precisava se fortalecer e estabelecer mecanismos de controle para centralizar o poder e acelerar o processo de concretização do Projeto Nacional. Alguns destes mecanismos que podem ser citados aqui estão ligados a criação do Congresso Nacional, o Exército Regular e os partidos políticos, elementos que aceleraram e legitimaram o processo de centralização do poder na província portenha.

Um destes elementos, a composição e profissionalização do Exército Nacional, foi de grande valia para consolidação do processo de construção do Estado argentino uma vez que este exército, agora bem estruturado a serviço do Estado, seria um instrumento capaz de impor um poder central, estendendo sua presença ao restante do país.

Para Pompeu (2012, p. 52), o momento de consolidação e “fortalecimento da instituição militar ocorreu internamente depois de finalizada a rebelião de Lopez Jordán contra o poder central na década de 1870, legitimando o exército como braço armado do poder político.” Demonstrando assim que até então o ambiente político argentino continuava tenso, tornando relevante a formação e fortalecimento militar enquanto ferramenta de coerção de Buenos Aires em relação as outras províncias.

Grande fator determinante para esse processo, foi a inclusão de tecnologias a disposição do exército regular durante o período de Sarmiento no poder, tecnologias como as armas *Remington*, rifles automáticos importados dos Estados Unidos que proporcionaram um salto no poderio bélico militar, tal qual a utilização de meios de transporte e comunicação mais modernos. Acerca deste período Pompeu explana:

Durante a presidência de Sarmiento (1868-1874), o exército passou a usufruir de melhores armamentos, aumentando sua capacidade militar, além do uso de tecnologias como as ferrovias e o telégrafo. Com rápida movimentação e melhor capacidade militar, o exército auxiliou na edificação de um Estado capaz de promover a ordem necessária a um futuro de progresso. (2012, p. 52)

Após a consolidação de uma estrutura militar que pudesse suprimir qualquer tipo de levante contrário à conjuntura do poder central portenho, as grandes esferas no poder deveriam consolidar mecanismos políticos que os fizessem continuar lá.

Por meio da criação de regras que garantiriam o acesso ao poder, a exemplo da formulação de dispositivos eleitorais, um grupo reduzido teria acesso à participação política, conforme discutido na Geração de 1837. Como resultado da forma em que o regime político foi moldado, o setor estancieiro arcou com a orientação política, procurando convergir sua ação às possibilidades concretas de aumento de exportações. (POMPEU, 2012, p. 52)

Outro fator que contribuiu de maneira significativa com a consolidação do projeto de nação elaborado, foi a expansão das atividades produtivas que visavam a exportação, uma vez que essa gerou novas demandas ao governo central, demandas essas que eram essenciais no processo de crescimento econômico do país.

Para Ana Carolina Gutierrez Pompeu, dar respostas por parte do governo as necessidades apresentadas pelos estancieiros, configurava um sistema de organização que sobrepunha as rivalidades entre os grupos de *caudilhos* e partidos políticos. Partindo desse pressuposto a Constituição vigente visando dar respaldos para regulamentação de um Estado capaz de transformar e organizar a ordem social em direção da tão almejada civilização.

2.2. A EXPANSÃO ECONÔMICA

A partir da década de 70 do século XIX a economia Argentina passou a vivenciar um contexto de grande expansão, num momento conhecido como *Belle Époque*, período que marcou a aceleração da integração de maiores extensões territoriais ao sistema produtivo agropecuarista da nação e a expulsão ou destruição das culturas indígenas.

Este processo está inserido no contexto da Revolução Industrial inglesa, que possibilitou o desenvolvimento e utilização de novas tecnologias produtivas, tal qual a geração de demandas de produtos primários, o que permitiu a Argentina, que se inserisse nesse mercado internacional, através da agropecuária que se baseava na produção de lã, couro e carnes.

Enquanto o Estado se constituía, o marco de estabilidade adquirido tornou possível a formação de um mercado interno e o desenvolvimento da agropecuária voltada à exportação. A atividade pecuária, concentrada principalmente nos arredores de Buenos Aires e nas escassas terras disponíveis do pampa, teve como incentivo de sua expansão a proximidade com a zona portuária, vinculando a atividade a economia exportadora. (POMPEU, 2012, p. 54)

Ao mesmo tempo que este Estado se consolidava, atraía para si o investimento financeiro e a confiabilidade dos países europeus, em especial a Inglaterra, país que despontava economicamente e concretizou relações econômicas com a Argentina. Para eles, uma via de mão dupla, pois para o país europeu o crescimento econômico argentino possibilitava vantagens econômicas, emprestando recursos que retornariam posteriormente tanto através do pagamento destes empréstimos quanto com relações exclusivas de exportação e importação.

Esse desenvolvimento tecnológico viabilizado pelo capital exterior dinamizou e especializou a produção pecuária no país, seja na construção e utilização dos meios de transporte como a linha férrea para escoamento da produção em direção à zona portuária, seja com o emprego de mecanismos como o arame farpado para cercar os rebanhos nas estâncias e impedir os chamados *malones* feitos pelos indígenas que podem ser definidos como campanhas dos nativos em busca de gado, seja para alimentação ou comércio com chilenos.

Esses investimentos ligados a infraestrutura do sistema econômico argentino puderam proporcionar um rápido desenvolvimento para o mesmo. Porém, havia ainda um “problema” à ser resolvido, o fato de haver poucas terras ‘produtivas’ em território argentino uma vez que para o Estado as terras habitadas pelos indígenas não comporiam uma terra ocupada e muito menos produtiva, dadas as disparidades nas concepções de vida, sociedade e trabalho entre os dois lados da fronteira interna.

Esta insuficiência de ‘terras produtivas’ pressionavam o Estado a buscar a ocupação daquelas habitadas pelos indígenas, uma vez que este território já era considerado pertencente ao país, mas que por alguns aspectos, dentre eles o descaso com estas regiões durante o período colonial por parte da metrópole espanhola e pós independência, a falta de ‘cidadãos civilizados’ para ocuparem estes espaços e tornarem-nos produtivos, deixaram de ser prioridade de ocupação anteriormente a este processo de expansão econômica.

Estes ‘cidadãos civilizados’ segundo as concepções dos intelectuais, dos políticos, dos grandes estancieiros e subsidiada até na Constituição argentina, deveriam ser imigrantes europeus, que além do trabalho na produção de recursos e desenvolvimento econômico no país tinham a função de prover a ‘civilidade’ ao qual o país julgava necessário.

Para tanto o governo argentino iniciou um processo de favorecimento do processo migratório para seu território, disponibilizando para os imigrantes europeus os mesmos direitos aos quais os cidadãos argentinos dispunham constitucionalmente. Esta iniciativa vinculada a outros mecanismos que facilitavam a chegada de imigrantes atraíram trabalhadores para as estâncias. (POMPEU, 2012, p. 59)

Ainda segundo Pompeu (2012, p. 59) o imigrante que chegava a Argentina encontrava várias ofertas de trabalho e bons salários uma vez que a população local não dava conta de suprir as demandas de mão-de-obra que a crescente e especializada produção necessitava. A grande maioria destes imigrantes ficava na Argentina somente pelo período necessário para acumular uma boa quantia e retornar a seu país de origem, porém muitos eram os que permaneciam por conta das oportunidades que recebiam, até na construção de negócios próprios.

Todo este processo de estruturação econômica, política e social, fazia prevalecer os interesses daqueles que o construíram, isto é, os grandes proprietários de terras da província de Buenos Aires, personagens que compunham também as esferas políticas do Estado, mantendo-os no poder. Acerca deste processo Pompeu destaca que este grupo:

Atuando como “governos eleitores” designavam seus sucessores em um sistema estruturado por redes de vínculos políticos, possível graças a recorrentes fraudes eleitorais. [...] Como políticos e estancieiros possuíam seus interesses interligados, o auge desse sistema político coincidiu com o momento de efetiva consolidação com os mercados externos e da entrada de capitais para financiar a modernização. (POMPEU, 2012, p. 59-60)

Todas essas demandas, seja por população estrangeira para mão-de-obra, seja por novas terras, pressionaram o Estado argentino a expandir sua fronteira interna em direção a região sul de Buenos Aires, onde se encontrava o pampa úmido, área muito fértil onde se desenvolveria a produção agroexportadora.

A partir desta pressão durante a década de 1870 se acirraram as ações de combate aos indígenas por suas terras, sendo efetuadas estruturas para promover a segurança nas estâncias e estender o território ‘ocupado’ para dedicar a produção.

À Argentina de finais de oitocentos, que delineava uma nação pensada e planificada por sua elite intelectual, o índio, bem como seus costumes e cultura estavam à margem do conjunto de referenciais almejados. O índio relacionava-se ao elemento “bárbaro” presente na Argentina, oposto ao que era entendido por civilização, um verdadeiro “problema”, que deveria ser eliminado para ceder lugar ao “progresso”. (POMPEU, 2012, p. 64)

A partir deste projeto de formação nacional então se fez possível a aceleração da expansão do território nacional argentino, uma vez que no período o mesmo não correspondia a um terço do que é hoje. Porém, além da necessidade de assimilar terras para que estas pudessem ser inclusas no processo produtivo e de desenvolvimento econômico, havia ainda a obrigação de garantir a segurança das propriedades já existentes com relação a possíveis ataques dos indígenas, implicando assim em incursões mais definitivas com relação ao avanço das zonas da fronteira interna do país, iniciando assim o processo que se denominou como “campanha do deserto”.

2.3. “A CAMPANHA DO DESERTO”

Em 1874, com a vitória de Nicolás Avellaneda para Presidência da República foi que este “problema” com os indígenas passou a figurar como prioridade Estatal. É então que surge a figura de Adolfo Alsina, nomeado para o Ministério da Guerra e Marinha que iniciou o processo de avanço em direção à fronteira ao sul de Buenos Aires.

Este processo pode ser definido em duas grandes etapas, a primeira comandada pelo Ministro da Guerra e Marinha, Adolfo Alsina, em 1874 que visava expandir de maneira gradativa a fronteira interna, criando uma linha de defesa para impedir a incursão de indígenas às terras assimiladas. E o segundo momento já sob o comando de Júlio Argentino Roca no Ministério de Guerra e Marinha em 1878, onde o objetivo era avançar de forma definitiva e veloz contra o território ocupado por nativos.

É fato que o mesmo não se deu somente durante estes momentos citados, tendo uma trajetória anterior que o levou a culminar em tal desfecho, porém como explana Pompeu (2012, p. 71) “somente depois da Guerra do Paraguai (1863-1870) as tropas puderam ser mobilizadas para a resolução de questões internas, atuando na garantia de interesses estatais.” A partir de então foi que o Estado passou a se organizar à fim de resolver o seu “problema secular” com os índios.

Seu plano se constituía num avanço gradativo em direção ao sul de Buenos Aires, deixando atrás de si um bastião defensivo constituído por uma *zanja*, isto é, um fosso, além de uma linha telegráfica entre os diversos fortes já construídos e os que

viriam a ser, interligando-os diretamente ao Ministério. Esta *zanja* era uma vala de três metros de profundidade e seguida de uma barreira de um metro de altura por dois de extensão que tinha como objetivo principal impedir grandes *malones* e a retirada de gado por parte dos indígenas.

O projeto de Alsina tinha tais auspícios definidos pela situação do país uma vez que a Argentina deixou de receber investimentos europeus no período devido a momentos de guerra neste continente, levando o Estado a recorrer a recursos internos para prover este movimento de avanço de fronteira, o que limitava as ações do mesmo.

Este após ser colocado em ação foi muito criticado pela imprensa argentina que defendia, como melhor projeto para resolução do ‘problema’ com os índios o plano de Júlio Roca, que no período atuava como comandante de um dos fortes que compunham a linha de fronteira. Seu plano tinha como objetivo o enfrentamento direto com os indígenas expulsando-os em direção ao sul até colocá-los para além de uma barreira natural.

Este antagonismo de ideias caracterizava-se pela diferença de abordagem com relação a solução a ser empregada contra os indígenas, uma vez que seu objetivo final era o mesmo, a expulsão dos indígenas para além do Rio Negro, barreira natural que separaria a ‘civilização’ da ‘barbárie’. Segundo estes meios de imprensa a abordagem de Alsina ia ao encontro a uma posição defensiva, já o plano de Roca compunha um meio de ataque em relação a questão, podendo ser assim uma solução mais rápida e definitiva.

Apesar da pressão imposta pela oposição e pela imprensa, num movimento que exigia resultados mais convincentes e claros, o projeto de Alsina rendeu frutos, uma vez que durante a sua aplicação a zona de fronteira foi ampliada de maneira significativa, para além dos arredores de Buenos Aires e deixando o exército em boa posição para atacar, respondendo ao setor pecuarista que exigia a apropriação de terras rapidamente.

Em 1877, com sua morte, seu projeto foi interrompido e posteriormente sobreposto pelo plano de Júlio Roca, nomeado como novo ministro no início de 1878, pelo presidente Alvear. Agora com o controle das decisões acerca do que fazer contra os indígenas, Roca precisava consolidar condições favoráveis para que seu projeto pudesse ser posto em ação.

Usufruindo daquilo que as mudanças alcançadas por Alsina anteriormente, mudanças essas que permitiram nova ascensão econômica no setor agroexportador argentino e uma posição militar estratégica e favorável que permitia manter a segurança do poder central e rumar ao ataque, tal qual os argumentos disseminados pela imprensa que iam ao encontro ao que pretendia Roca, ele pode implantar seu novo sistema estratégico e militar.

Os recursos financeiros necessários para sua empreitada foram conseguidos através da possibilidade de lucros provenientes deste processo, uma vez que as terras conquistadas seriam disponibilizadas para produção e/ou especulação imobiliária, sendo então de interesse de pessoas abastadas que viam na ‘campanha de Roca’ um momento favorável a investimentos.

A escassez de terras, já na década de 1870, pressionava as autoridades a expandir o território às terras que, apesar de estarem sob domínio indígena, eram consideradas parte integrante da nação, cabendo a realização de sua ocupação efetiva. O índio, aliás, não teve lugar na conformação nacional, uma vez que sua resistência à nação que se impunha por meio das armas engendrou uma relação de oposição de entre duas sociedades. Contudo, no espaço que demarcava o contato entre elas, as relações mostravam-se muito mais complexas que a dicotomia. (POMPEU, 2012, p. 85-86)

Foi a partir destas conjunturas que se iniciaram as incursões de maneira mais incisiva para além da fronteira com os indígenas onde campanhas militares foram designadas a sair dos fortes e rumar ao Rio Negro, aprisionando os indígenas que se submetessem ao poder do Estado, e expulsando ou aniquilando os que se rebelassem não se submetessem.

Após alguns anos e expedições militares o projeto de “civilização” argentina estava concluído, quando as forças militares sobrepuseram-se sobre os indígenas, expulsando ou destruindo praticamente todos os nativos que habitavam os territórios pretendidos pelo Estado. Deixando atrás de si um território agora pronto para sua inserção no processo produtivo agroexportador, tendo como personagens que usufruíram de tal processo, os grandes estancieiros que formavam a grande oligarquia pecuarista que detinha o poder econômico e político no país.

3. AS REPRESENTAÇÕES DOS INDÍGENAS E DO PAMPA ARGENTINO

3.1. A “GERAÇÃO DE 1837” E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO ARGENTINO NO SÉCULO XIX

Como já antes citada a “Geração de 1837” foi um movimento composto de jovens intelectuais argentinos e que teve papel fundamental na construção do imaginário local acerca dos indígenas e do pampa.

Este grupo, inspirado pelo imaginário europeu, baseado na concepção de ‘progresso’ usou das artes plásticas e da literatura à fim de ‘encaminhar’ a sociedade argentina para os rumos da ‘modernidade’. Acerca deste movimento Pompeu destaca que:

A propagação de ideias europeias, principalmente aquelas relacionadas às teorias evolucionistas, incitavam o ato de “civilizar”, entendido como a transformação da sociedade pelos meios técnicos e materiais, que, segundo a concepção da época, era responsável por aproximar as populações americanas das “civilizações” europeias. (2012, p. 10)

A partir desta aproximação aos moldes europeus e ao estadunidense a relação com os indígenas passa a ser menos dinâmica, sendo substituído por uma dicotomia entre o ‘civilizado’ e o ‘bárbaro’, levando à um discurso de eliminação dos grupos autóctones, fosse de forma física ou cultural.

Foi neste contexto que conceitos como ‘deserto’ e ‘fronteira interna’ citados anteriormente, foram construídos para delimitar espaços geográficos e culturais. O conceito de deserto era empregado para designar as grandes extensões de terra ‘desabitadas’ do pampa e da região patagônica, e o conceito de ‘fronteira interna’ estaria relacionada a linha imaginária e mutável que separava a sociedade ‘civilizada’ da ‘bárbara’ no interior do território argentino, mas como já citado antes, com uma relação diferente da que o conceito propriamente dito indica.

Segundo Fábio Feltrin de Souza (2015, p. 111) esses conceitos foram, inventado[s] no século de XIX a partir de um investimento discursivo-visual da literatura e das artes plásticas, tornando-se a encarnação da ausência, da barbárie, do vazio e, como resultado, servindo de subsídio argumentativo para o projeto estatal de dizimação dos indígenas.

Nesta dicotomia entre ‘civilização’ e ‘barbárie’, para os intelectuais do grupo da “Geração de 37” a imigração proveniente do continente europeu, ao qual buscavam

referências, seria a solução mais adequada para acabar com o 'problema dos índios' no avanço da sociedade 'moderna'.

Dentre estes intelectuais, Juan Bautista Alberdi e Domingos Faustino Sarmiento são os que mais se destacaram no que diz respeito a radicalização destas concepções, tendo seus estudos servidos de referência para gerações seguintes, influenciando diretamente nas tomadas de decisões acerca da formação do Estado argentino e assim, também na relação do mesmo com os indígenas.

Membros deste grupo foram exilados para Chile ou Uruguai uma vez que iam contra o governo ditatorial de Rosas que como já citado teve fim somente nos anos 50 do século XIX. “Foi durante seu exílio chileno que Alberdi produziu o que talvez sejam suas obras mais significativas deste contexto: *Acción de la Europa en América*, de 1842, e *Bases y puntos de partida para la organización de la República Argentina*.” (SOUZA, 2015, p. 113)

Nestas duas obras em questão Alberdi idealizava as bases do seu projeto de construção do Estado nacional argentino, inspirado nos ideais de 'modernidade' europeus e a partir destes, para efetivação desse projeto necessitaria mais que importar hábitos, seria preciso incentivar a imigração e eliminar todos os indígenas, uma vez que em seus textos Alberdi duvida da capacidade das populações autóctones em incorporar esses hábitos e apresenta a Argentina como vazia de civilização. Portanto para Alberdi,

povoar é civilizar quando se faz com gente civilizada, isto é, com populações da Europa civilizada. Por isso disse na constituição que o governo deve fomentar a imigração européia. Povoar, porém, não é civilizar, senão embrutecer, quando se povoa com chinos e com índios da Ásia e com negros da África. Povoar é emprestar, corromper, degenerar, envenenar um país, quando, em vez de servir-se da flor da população trabalhadora da Europa (ALBERDI apud SOUZA, 1941, p. 37).

Para este intelectual a imigração europeia seria a melhor solução para o 'problema secular' com os indígenas uma vez que sua entrada no país, traria além de seu corpo, uma carga de hábitos que em contato com a sociedade argentina poderia, segundo Alberdi contribuir no processo de 'civilização' da mesma, muito mais do que qualquer livro ou manual. Tal perspectiva em relação a este ponto, o diferenciava de Sarmiento, cujo projeto 'modernizador' se baseava na instituição letrada formal como mecanismo de transformação social.

A necessidade de formar um Estado, após o período de ditadura imposto por Rosas, e junto com esse Estado uma lógica ordenadora que construísse a identidade do país, acelerou a realização do sonho de modernização que as elites *criollas* e intelectuais haviam idealizado, criando um ambiente social e cultural favorável para que se justificasse os movimentos militares contra os indígenas, tal qual seu posterior extermínio.

Portanto, nesse processo se criaram as mazelas para a construção discursiva que contribuísse na formação de um Estado baseado na ‘ordem e progresso’, cujo ‘lugar’ do indígena e sua cultura seriam à margem ou fora deste, uma vez que o pampa – considerado a antítese da cidade, o nome próprio do deserto para as elites letradas – era a nação dos indígenas, e significava o vazio, a ausência de ‘civilização’.

No decorrer do século XIX a paisagem do pampa se constituiu como pano de fundo para as produções de diversos intelectuais argentinos, possuindo discursos em diferentes suportes, formando um aporte discursivo-visual complexo que viria a constituir o imaginário acerca do ‘deserto’ e seus habitantes.

Uma das produções mais reconhecidas é o poema de Esteban Echeverría, chamado *La cautiva*, e que possui em seu conteúdo uma carga de discursos referentes ao que o autor constrói como imagens da barbárie, da violência, do nomadismo a ser combatido, e do grande espaço a ser dominado, nas figuras do pampa e do indígena.

Acerca do que esta obra representa, Souza (2015, p. 114) define que “trata-se da épica história dos raptos de Maria e Brián. A dicotomia civilização e barbárie estava presente na condição de heroína construída para Maria, na mesma medida em que os indígenas foram construídos como o oposto da humanidade.”

A partir da citação acima, pode-se perceber o quão forte era a carga de preconceito e repulsa em relação aos nativos, colocando-os em oposição a humanidade, como forma de legitimar a necessidade de sobreposição a estes grupos. “Para os românticos do Prata, o pampa era um grande vazio geográfico e cultural. Um problema a ser enfrentado pelos condutores da barca-nação em direção ao futuro.” (SOUZA, 2015, p. 115)

As imagens representadas pelo discurso presente nas linhas escritas por Echeverría, ganharam maior destaque visual a partir de uma série de quadros pintados por um viajante alemão chamado Johann Moritz Rugendas, artista que viajou pela América durante o século XIX. Nas suas viagens encontrou-se com os

intelectuais exilados no Chile e Uruguai, entrando em contato tanto com os autores quanto com as obras que o inspiraram, tal qual as ideologias aos quais compartilhou durante o fazer de suas obras.

Em *El rapto de la cautiva*, de 1845 Rugendas busca representar o que Echeverría escreveu. Em um ambiente hostil e inóspito, cavalo e cavaleiro são representados como a imagem da barbárie, com expressões ferozes em seus rostos, terra e céu se confundem no infinito, um tom avermelhado toma conta da cena, dando uma aparência infernal a mesma. A raptada, com expressão de passividade olha para os céus, em busca de um auxílio divino. Representa a necessidade de embate contra os nativos, 'desprovidos de humanidade', numa luta clássica de bem contra mal, divino contra pagão.

Figura 01 - Johann Moritz Rugendas. El rapto de la cautiva. 1845.



Fonte: DEL CARRIL (1966).

Este conjunto de elementos buscava então reafirmar os discursos antes construídos pelas linhas de Echeverría e visava assim consolidar tal representação como verdade. A respeito desta tentativa de construção de verdade, Souza afirma:

Esta imagem carrega um investimento promovido por sujeitos que, regrados por um determinado regime de verdade, dispenderam energia ao criar uma modalidade de afirmação de um enunciado considerado verdadeiro. As

condições que possibilitam a crença nessa afirmação foram operadas mediante um discurso visual e estão ligadas às condições de emergência que transformaram o pampa num deserto, no significante do vazio. (2015, p. 117)

Domingos Faustino Sarmiento projeta ‘soluções’ diferentes acerca do ‘problema’ do pampa e seus habitantes em relação a Alberdi como já citado anteriormente, e em sua obra mais conhecida denominada *Facundo*, Sarmiento procura apresentar o cenário geográfico-cultural argentino, cujo foco seria demonstrar para além da falta de habitantes mas principalmente a ausência de civilização.

Para Sarmiento, esse meio geográfico, social e cultural seria o responsável pelo surgimento do *gaucho*, personagem que representaria a identidade do argentino, na relação entre as populações nativas, a europeia e o ambiente, mas que não seria a desejada pelas elites *criollas* para o futuro da nação.

Facundo também foi objeto de leitura e inspiração para Rugendas, tendo na figura do *gaucho* o ponto central de um conjunto de obras no qual buscou representar como ele compreendeu a figura deste personagem e sua relação com o pampa. Nessas obras cavalos e *gauchos* aparecem percorrendo a imensidão do ‘deserto’, numa paisagem inóspita onde céu e solo se confundem devido a tamanha vastidão.

O deserto seria a impossibilidade de qualquer ordenamento e a origem da barbárie. É contra essa caracterização, contra essa cena, que Sarmiento investiu toda sua violência argumentativa. O país de paisagem inóspita só poderia gerar seres como os indígenas e os gaúchos. Este problema é discutido visualmente por Olascoaga em sua litogravura de 1909. Além da paisagem alongada e horizontal, criando a sensação de vastidão e vazio, a imagem é composta por um grupo de indígenas em movimento e um conjunto de ossadas no primeiro plano. De maneira enfática, o que acaba por ser salientado na imagem é uma característica precisa da percepção do espaço como “vazio” absoluto e como uma guerra que se prolonga no tempo. (SOUZA, 2015, p. 119-120)

Nestas obras Rugendas apresenta um ser que vive num ambiente sempre hostil, agreste, sem edificações, demonstrando um país dominado pelo latifúndio e marcado por um sistema econômico baseado na produção agropecuarista. Este *gaucho* para Rugendas, seria um ser solitário, que não possui família, nem laços comunitários. Portanto, este seria o ‘senhor do pampa’, um ser constituído pela solidão e o nomadismo em sua essência.

Figura 02 - Manuel Olascoaga, *La pampa antes de 1879*, 1909. Litogravura



Fonte: MARTINEZ ESTRADA (1974).

Como já exposto por Souza, esta imagem busca representar o pampa como espaço de vazio civilizatório, e assim um território de barbárie, dominado por populações ferozes, que se distinguem do ser humano. Na imagem acima as ossadas ganham grande ênfase na construção deste estereótipo, representando essa construção do pampa como deserto, onde só havia a vastidão do vazio, a morte e a guerra. “A terra dos indígenas, desconhecedores do conjunto de regramentos e limites típicos de uma sociedade civilizada, era, na ótica dos europeus e membros das elites portenhas, o espaço próprio do horror.” (SOUZA, 2015, p. 120)

Vale ressaltar também a intencionalidade carregada no título da imagem, uma vez que o mesmo se refere ao período anterior ao processo de conquista abordado por este trabalho, demonstrando uma preocupação em fazer deste uma representação de um momento superado pela máquina Estatal argentina e que aponta para um futuro de ‘modernização’ e ‘civilização’.

Nesse processo de conquista se procurou instaurar essa gama de discursos enquanto verdade, numa busca de positivar o extermínio dos indígenas, se construindo e consolidando representações estereotipadas que pudessem estabelecer argumentos que configurassem um enredo positivado.

Uma das imagens mais emblemáticas nesse processo de construção do conjunto que positivasse do extermínio indígena, é a pintura de Benjamin Franklin produzida em 1860 e que representa uma família de colonos brancos, em fuga de um *malón*, colocado em segundo plano e representado por chamas que dão um toque de sobrenatural à cena, reforçando um aspecto infernal ao espaço do pampa, o que

tornaria impossível habitar este deserto, de maneira organizada e estruturada nos moldes da civilização europeia em correlação com os indígenas, justificando assim uma ação interventora por parte do Estado argentino.

Figura 03 - Benjamin Franklin Rawson. *La huida del Malón*, 1860



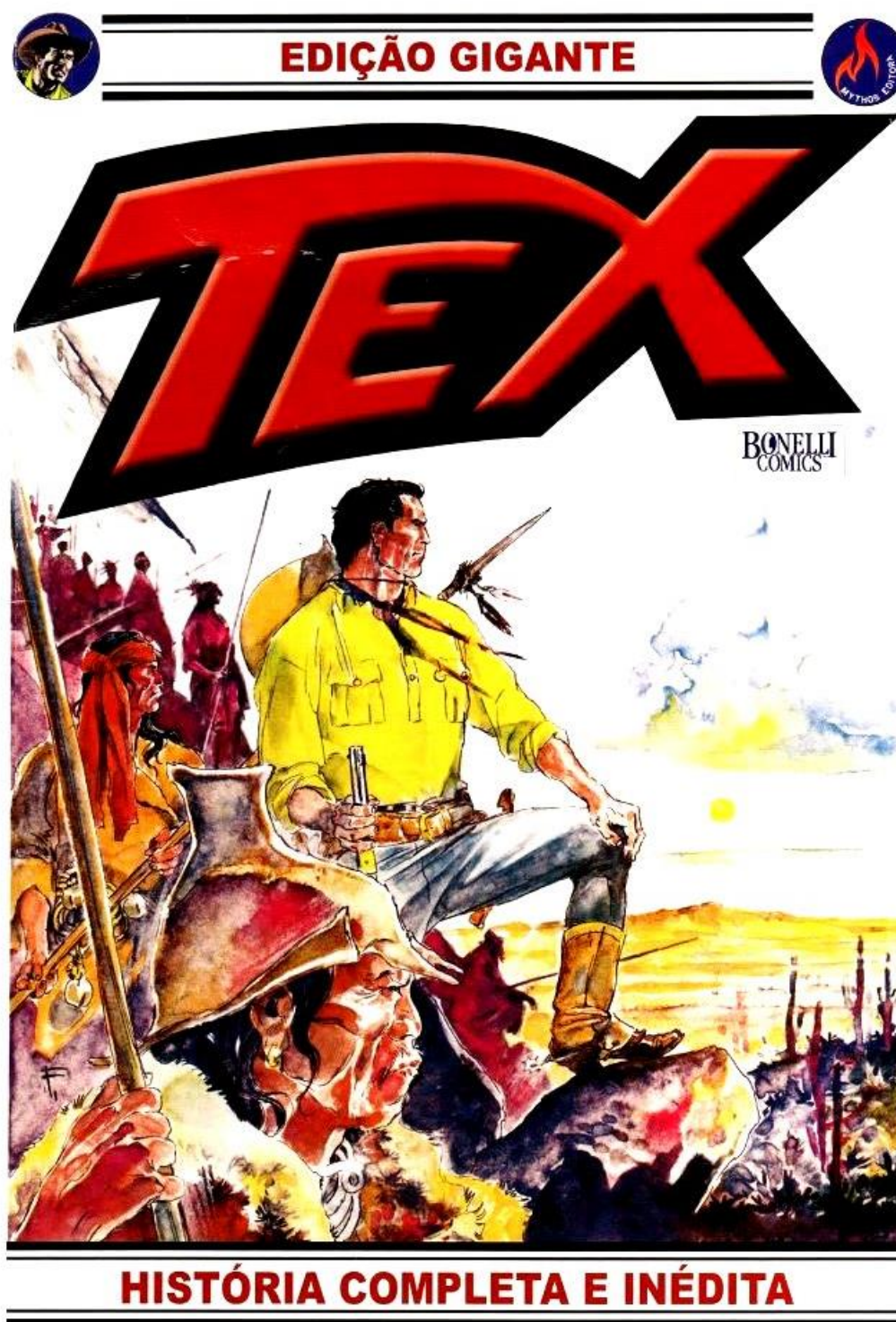
Fonte: MARTINEZ ESTRADA (1974).

3.2. TEX E A PATAGÔNIA: UM COWBOY ENTRE OS GAUCHOS

No ano de 2009, foi publicada no Brasil a edição número 23 da coleção ‘Tex Gigante’ denominada ‘Patagônia’, escrita por Mauro Boselli e desenhada por Pasquale Frisenda tendo como pano de fundo o enredo da ‘conquista do deserto’ na Argentina.

Já na capa pode-se perceber a intenção dos autores em colocar como protagonistas os povos indígenas argentinos pois os mesmos são colocados junto ao personagem principal que apesar de estar em destaque está representado no meio destes, demonstrando a relação de aproximação entre tais, e juntos olham para o “horizonte infinito” do pampa como se a espera de algo.

Figura 04 - Tex; Patagônia, capa;



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

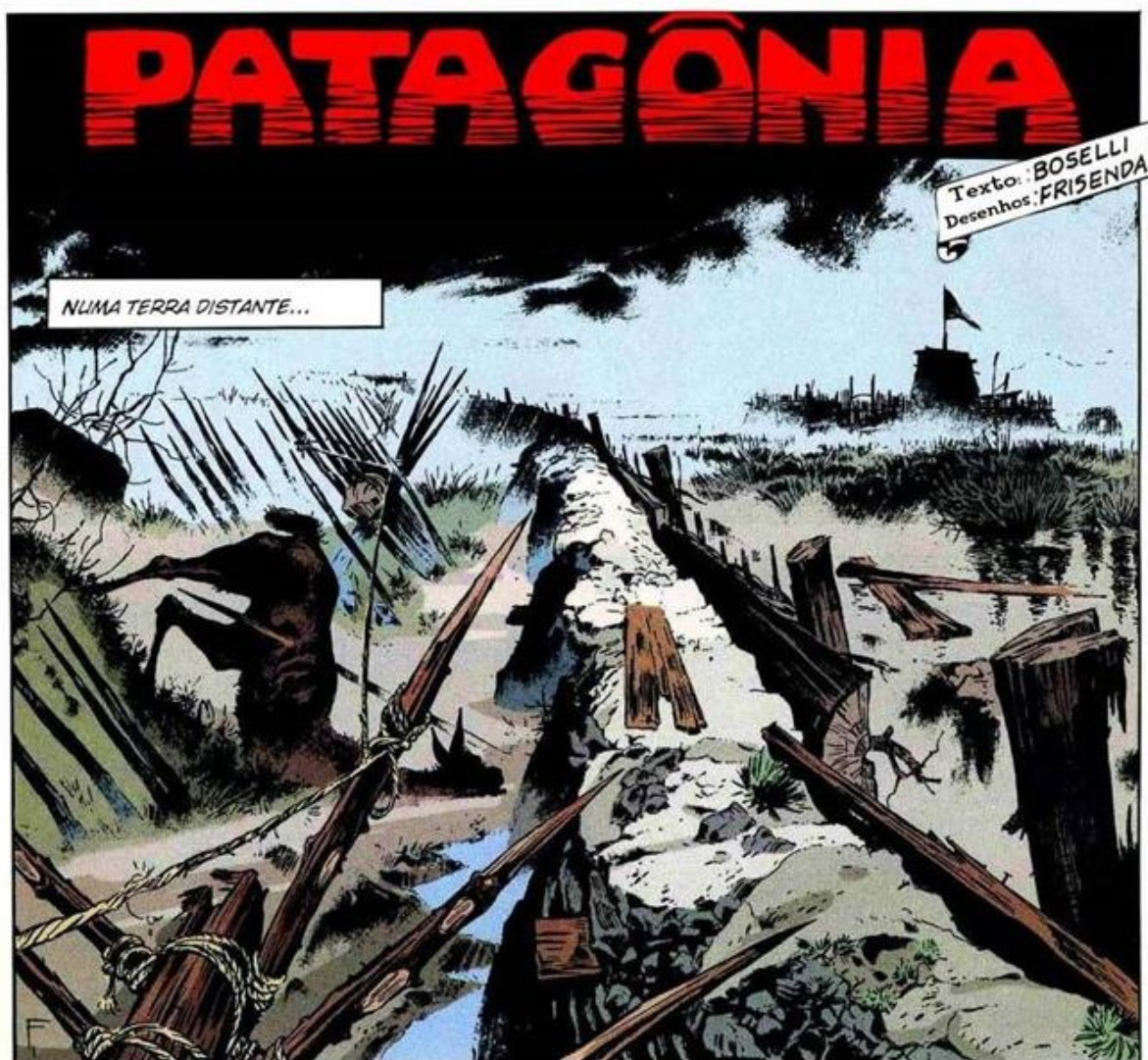
Nesta edição o personagem principal, Tex se depara com uma situação quase que rotineira em suas aventuras. As elites rurais apoiadas pelo Estado, buscam se apoderar das terras dos nativos, baseando-se em discursos de superioridade étnica e 'civilizatória' por parte dos 'brancos' em relação aos indígenas. Porém desta vez, esta

situação se dá no hemisfério sul do mundo, mais específico na Argentina que era um país em formação no período.

Nas primeiras páginas da edição em questão são destacadas as motivações e inspirações para a produção, tal qual um pouco do aparato que serviu de apoio para melhor representar personagens, paisagens e o processo histórico em questão dentro da obra de ficção, sendo este um conjunto de obras variadas em suporte e conteúdo e que trouxeram consigo elementos acerca do imaginário construído através dessas demais representações acerca do período e seus desdobramentos.

Ao adentrar na leitura da HQ propriamente dita logo de cara nota-se, para quem é leitor da série, que não há uma indicação de espaço e nem de tempo inicialmente, já que os autores procuraram constituir uma narrativa com início, meio e fim, colocando Tex no decorrer de ‘todo’ o processo, resumindo-o assim para que este pudesse ser representado em apenas um livro.

Figura 05 - Tex; Patagônia, página 05;



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

Após ressaltar esta questão, vale apresentar que o leitor se depara em cena com um ataque indígena a um forte, tal qual um povoado de colonos à margem da fronteira alcançada pela *zanja* de Alsina citada anteriormente, demonstrando a belicosidade das populações autóctones em resistência ao avanço da 'civilização' argentina.

Figura 06 - Tex; Patagônia, página 15;



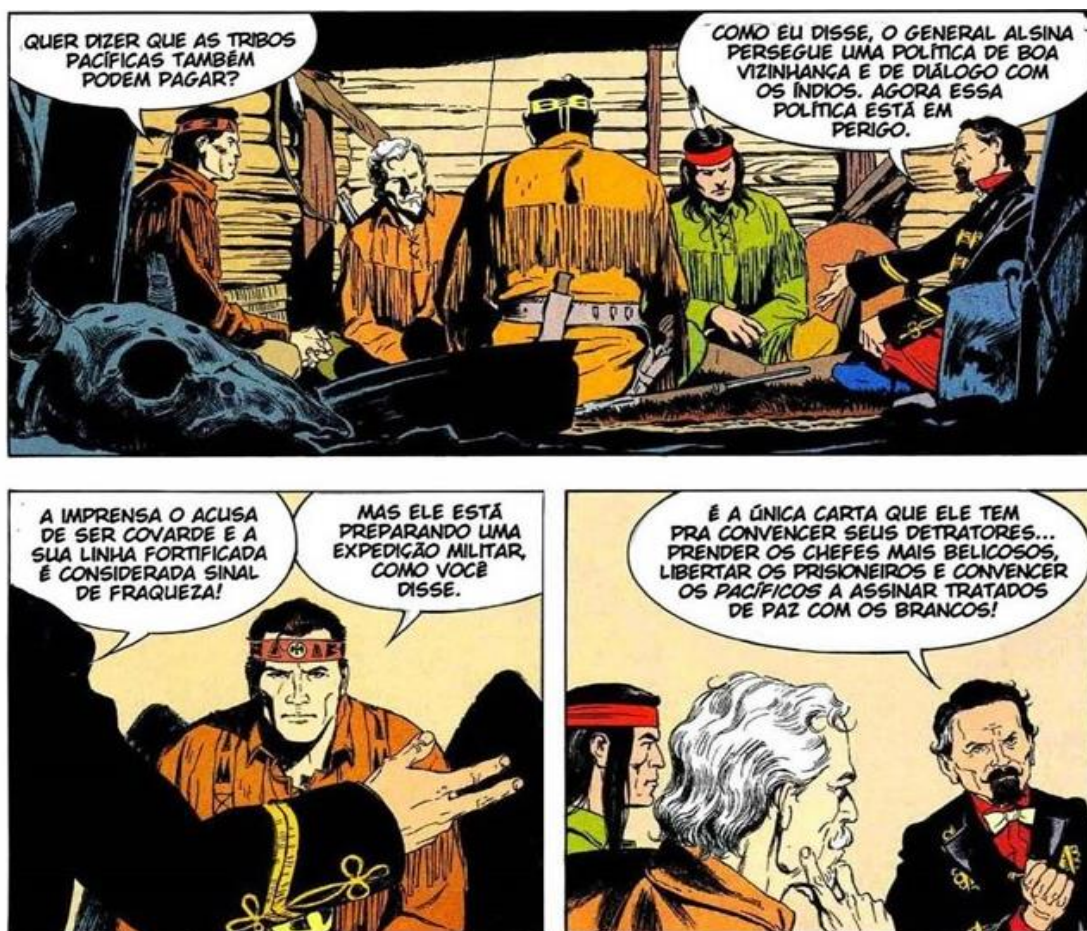
Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

A cena compõe o relato de um emissário argentino nos Estados Unidos destinado aos personagens da coleção, demonstrando outro ponto importante, uma relação do país sul-americano em ascensão econômica com as potências do período, relação que foi primordial para a aceleração dos eventos que se seguiram na ‘conquista do deserto’.

Durante este relato, este emissário argentino expõe um quadro da situação política e de relação aos nativos para Tex e seus companheiros, fazendo uma distinção entre indígenas “bons” e “maus”, demonstrando as diversas relações entre Estado e indígenas, em alguns casos amistosa e em outros de enfrentamento.

Neste momento é feita referência ao ministro Alsina e sua abordagem mais ‘benevolente’ com relação aos índios e o ‘problema’ que eles representavam ao avanço da máquina progressista, sendo assim contestado pela oposição na política e na imprensa que defendia medidas mais drásticas para solucionar tal ‘problema’.

Figura 07 - Tex; Patagônia, página 22;



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

Tex, por sua experiência em diversas outras aventuras do mesmo gênero é solicitado por um amigo seu de longa data, naquele momento, comandante no exército argentino, denominado de Ricardo Mendoza para compor uma expedição que tem como missão, ir em busca dos índios ‘rebeldes’ e capturá-los, e assegurar que os indígenas considerados amigos tivessem as promessas feitas pelo governo asseguradas.

Ao chegar em Buenos Aires, Tex e seu filho que o acompanhava se deparam com oficiais *criollos*, e com gaúchos e indígenas que compunham o exército regular argentino, demonstrando mais uma vez essa relação diferenciada com as tribos “amigas”, apesar do desprezo e preconceito que carregavam junto consigo os ‘brancos’ que faziam parte destes contingentes.

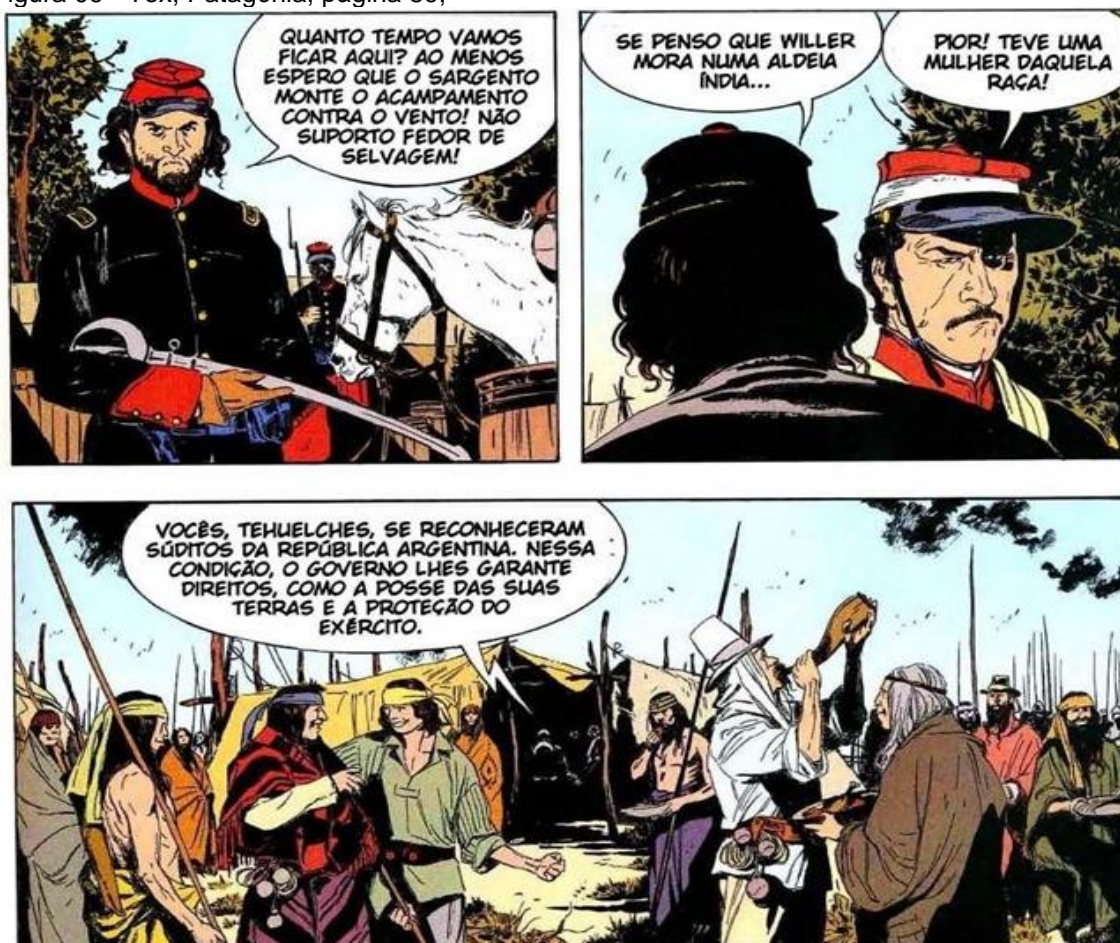
Figura 08 - Tex; Patagônia, página 52



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

Este preconceito aparece em diversos momentos da publicação, a partir de termos utilizados por soldados brancos, como 'selvagens' e 'macacos' demonstrando clara influência das concepções de 'civilização' difundidas na Argentina no período representado, rotulando assim os povos nativos como atrasados, desprovidos de valores 'modernos'.

Figura 09 - Tex; Patagônia, página 89;



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

O recorte acima ilustra dois pontos já citados, o desprezo *criollo* em relação aos índios, e as promessas feitas pelo governo argentino aos indígenas 'amigos', ou seja, os que se submetessem ao Estado e suas leis, promessas essas que não foram cumpridas.

Dentre os eventos marcantes nesse processo representado pela HQ, a morte de Alsina aparece com grande relevância no que diz respeito a mudança de postura para com os índios, que com a nomeação de Julio Roca como ministro da Guerra, passam a ser perseguidos e exterminados de maneira mais enfática.

Figura 10 - Tex; Patagônia, página 146;

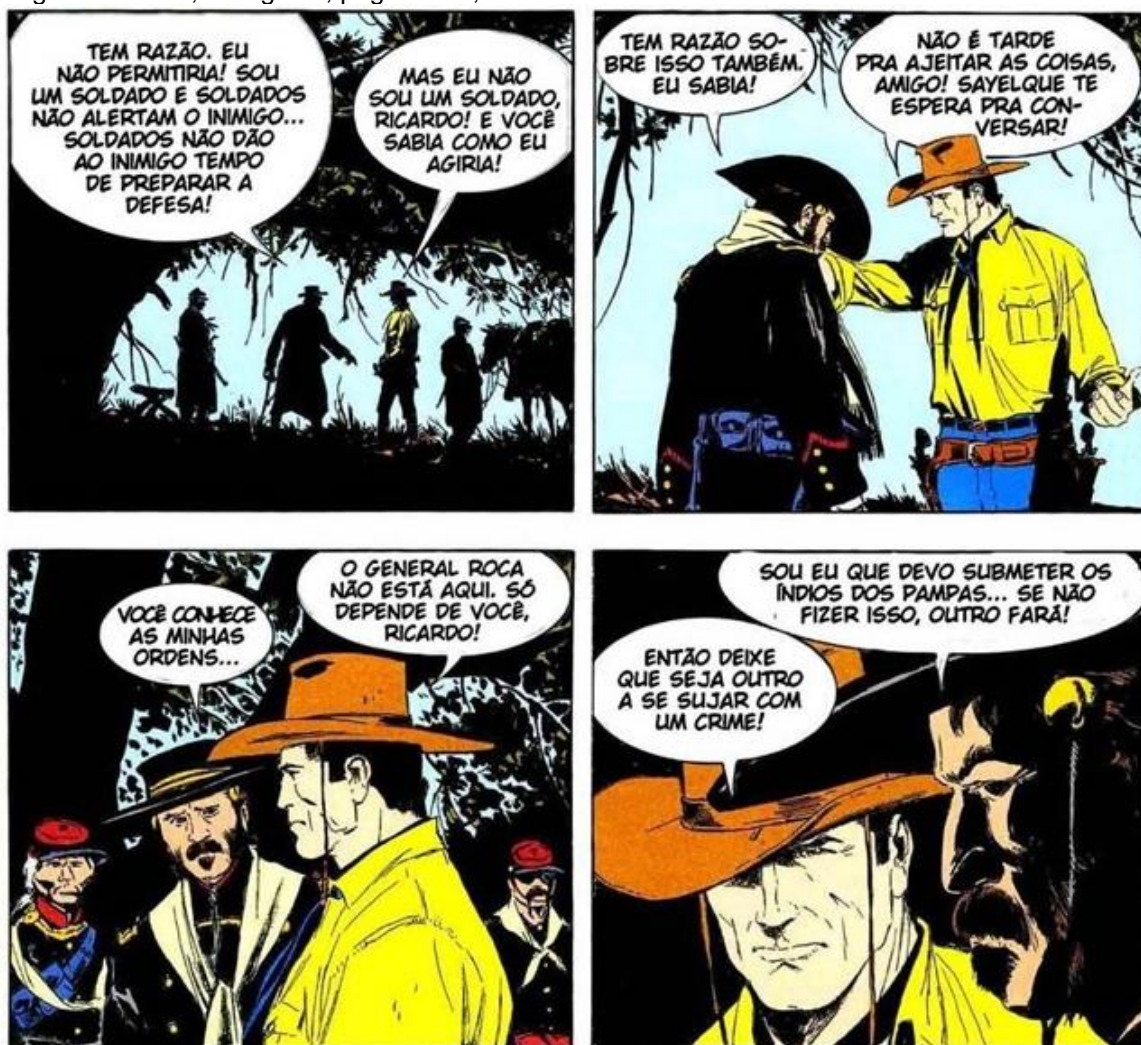


Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

É neste momento então que Tex e seu amigo comandante entram em um paradigma, serem coniventes e participarem do genocídio indígena ou se rebelarem e tomar parte em favor dos nativos. Tex seguindo seus princípios demonstrados ao longo do conteúdo da publicação opta por lutar em defesa da causa indígena e vira as costas para o exército, ao julgar suas ações infundadas.

Este fato demonstra as concepções internalizadas na sociedade argentina divulgadas por um conjunto de discursos que buscaram positivar o extermínio indígena, o que culmina na postura agressiva por parte das esferas militares representadas aqui por Alsina, Roca e Mendoza, que opta em seguir as ordens enviadas a si diretamente pelo Estado Maior.

Figura 11 - Tex; Patagônia, página 181;



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

No decorrer da campanha, os personagens principais, Tex e seu filho, se deparam com diversas situações que os aproximam cada vez mais dos índios e dos gaúchos tendo em vista suas semelhanças no olhar sobre o mundo e a vida. Tais personagens são representados como seres que vivem seu próprio código de leis, tendo no pampa sua casa e no cavalo seu maior companheiro. Com um sentido particular de honra e comunidade, estes, tanto indígenas quanto gaúchos se sentiam deslocados aos moldes impostos pela 'civilização' inspirada na Europa.

Figura 12 - Tex; Patagônia, página 53;



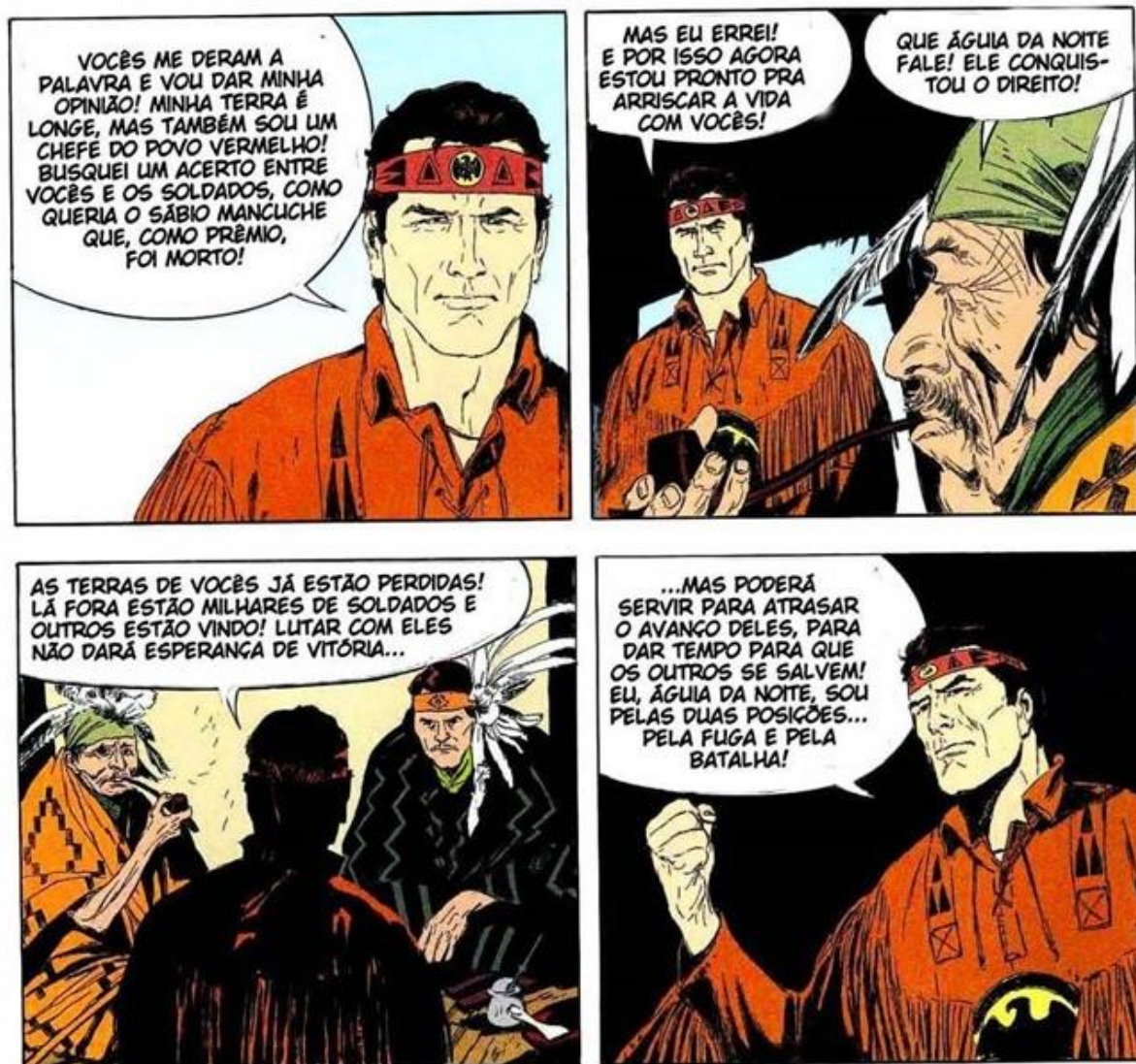
Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

Partindo desse pressuposto de aproximação entre indígenas e Tex, com o aumento dos embates e a demonstração de força vinda por parte do Exército argentino, agora buscando uma solução definitiva com relação ao “problema” dos índios. Tex busca evitar um panorama cada vez mais claro que levaria ao genocídio das populações originárias e se une aos nativos na luta contra a “civilização”.

Este movimento é uma clara marca para quem é colecionador da série, da mudança de personalidade que ocorreu com o personagem principal após a entrada de Boselli nos anos 1980 na redação da editora, onde o personagem passou a ser mais ‘político’, isto é, passou a tomar decisões mais baseadas em princípios que vão além de um instinto protetivo ou senso de dever, mas que apesar disso não deixou de ser um personagem contraditório em relação as suas decisões e nem perdeu sua essência baseada na ação, entorno de tiroteios e cavalgadas.

Nesta portanto, como em outras campanhas, Tex opta por se envolver com os indígenas, lutando e arriscando sua vida pela causa que julgou mais justa a partir do quadro que se apresentou com o desenrolar dos fatos, demonstrando o aspecto moral vinculado as escolhas do personagem, pois se ele optasse por seguir as ordens que lhe foram dadas seu posicionamento seria outro.

Figura 13 - Tex; Patagônia, página 207;



Fonte: <http://texwillermais.blogspot.com.br/2016/01/blog-post_80.html>

Apesar do final romântico e ficcional, com o personagem principal sobrevivendo a uma grande batalha final, onde os guerreiros indígenas apesar do menor número conseguem resistir ao ataque feroz dos inimigos para que o restante de seu povo fuja, a produção em questão pode nos dar elementos importantes de análise tanto no conteúdo explícito em suas páginas quanto em seu contexto de produção, desde que cuidados sejam tomados em sua utilização.

Durante o desenrolar do enredo nota-se a preocupação para com o que foi representado, o embasamento e a perspectiva ao qual o tema foi abordado por roteirista e desenhista, buscando apesar de criarem uma obra ficcional, dar tons de veracidade ao seu conteúdo, usando de elementos, visuais e discursivos, que

condissem com o tema abordado. Claro que a obra possui problemas, uma vez que provavelmente grande parte do embasamento teórico utilizado foi produzido à fim de posicionar o processo de ‘conquista do deserto’ argentino e estas podem ter deixado lacunas ou produzido a reafirmação de estereótipos e anacronismos e portanto à de se ter os devidos cuidados em sua leitura e análise.

A respeito da perspectiva de abordagem vale ressaltar que na relação entre os personagens estadunidenses e os demais pode-se perceber que se procura dar ênfase ao fato de que há homens ‘bons’ e ‘maus’ de ambos os lados, que ambas as causas, de acordo com suas próprias concepções são ‘justas’ e que durante esse processo diversos são os momentos e as dinâmicas envolvidas, não rotulando indígenas ou *criollos* como vítimas ou algozes, mas como personagens de um processo histórico no qual os nativos acabaram por ser os mais prejudicados.

4. AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ENSINO DE HISTÓRIA

4.1. UM BREVE HISTÓRICO DAS HQS

Apesar deste trabalho não se ater diretamente a História das histórias em quadrinhos, se faz necessário para um melhor desenvolvimento do foco principal a ser aqui discutido, uma definição do que se identifica como HQ.

Pode parecer óbvio se definir uma história em quadrinhos, porém ainda hoje muitas pessoas confundem esta linguagem com outras que tem elementos semelhantes, dentre elas a charge, o cartum, a caricatura, a ilustração ou até os desenhos – animados. Para tal, procuramos apresentar e diferenciar algumas dessas manifestações artísticas a partir do trabalho de Marco Tulio Vilela(2012).

O cartum de maneira geral é uma linguagem onde seu conteúdo, exclusivamente voltado ao cunho humorístico, é apresentado utilizando-se somente de uma única imagem ou quadro, diferenciando-se das HQs que geralmente se usa

dois ou mais quadros para narrar uma ação além de possuírem diversos gêneros para além do humor.

A charge se caracteriza por ser um desenho que utiliza do humor para satirizar ou comentar uma reportagem e assim possui um caráter jornalístico, porém sem se limitar a informar um fato, se aproximando de uma coluna de opinião e indo além de uma reportagem comum. Portanto, está sempre ligada ao seu contexto original de produção, sendo de difícil compreensão se republicada tempos depois, diferenciando-se assim do cartum, que tem um caráter mais ‘atemporal’.

A caricatura pode ser caracterizada, num sentido mais restrito, como um tipo de desenho que para fins humorísticos, se exagera propositalmente algumas características físicas ou trejeitos mais marcantes do indivíduo que está sendo representado. Apesar da caricatura então não ser a mesma coisa que uma HQ, esta pode ser usada como um elemento a lhe compor.

Dentre os elementos que constituem a formação das HQs, uma das principais é a utilização de mais de um quadro na construção de sua narrativa, além de poderem apresentar diversos gêneros, como terror, policial, aventura, didático, humorístico, entre outros.

Outro elemento que compõe a construção da narrativa quadrinizada é a utilização - em quase todas as suas produções – de dois tipos de comunicação, uma verbal e outra não-verbal, utilização esta demonstrada por Vilela quando afirma que:

Numa HQ, o roteirista que escreve tanto os diálogos, quanto descreve as cenas para o desenhista, deve procurar um equilíbrio entre o que é mostrado (por meio dos desenhos) e as palavras (o que é dito). Sem esse equilíbrio, o roteirista corre o risco de se escrever textos redundantes, que apenas repetem aquilo que o leitor já está vendo nos desenhos. Numa HQ, nem tudo precisa ser dito com palavras, pode ser também dito por meio das imagens. (VILELA, 2012, p. 46)

Ainda acerca da singularidade da linguagem quadrinizada, Melo (s/d, s/p) destaca que as histórias em quadrinhos se apropriam de elementos que as compõe em uma linguagem única, com ângulos, cores e perspectivas diversas, estruturadas de maneira cronológica e causal das ações dos seus personagens.

A partir destes elementos então pode-se definir as histórias em quadrinhos como uma produção composta de pictogramas dispostos sequencialmente, à fim de transmitir uma narrativa através dos elementos comunicacionais empregados. Diferindo dos desenhos-animados por estar em um suporte diferenciado.

Mais recentemente, as edições de histórias em quadrinhos na forma de álbum ou livro também tem sido chamadas de *graphic novels* (romances gráficos). Acerca desta denominação Vilela (2012, p. 54) o define como falho, e justifica tal afirmação apontando que nem todo álbum de quadrinhos se constitui de uma narrativa longa e composta por uma única história, o que legitimaria a relação com um romance literário, comparação esta que segundo o autor em questão, já estaria superada pelos pesquisadores brasileiros, que definem as HQs como uma linguagem própria, com elementos que as diferenciam de um gênero literário.

Segundo os autores escolhidos como base para este trabalho é errôneo afirmar que as histórias em quadrinhos constituem um gênero literário. Pelo contrário, afirmam que os quadrinhos constituem uma linguagem autônoma e singular, devido a seus elementos específicos. Sendo apenas aceito por grande período pela academia enquanto literatura como estratégia na busca por legitimar seus uso e sua conservação.

Acerca disso Vilela elucida:

Enfim, chamar HQs de “literatura” ou de “romances gráficos” são estratégias, seja para legitimar uma arte subestimada ou seja para puro marketing, para fazer o leitor se sentir mais “inteligente” por ter adquirido aquela obra. Talvez, politicamente falando, tal estratégia tenha sido necessária no passado para convencer as autoridades de instituições como escolas, museus e bibliotecas da importância de se adquirir e preservar as HQs. Vale reforçar que negar que as HQs sejam literatura não é reduzir ou tirar-lhes a importância, mas, isto sim, afirmar sua autonomia, sua singularidade. (VILELA, 2012, p. 55)

A partir desta definição do que é uma HQ, se faz necessário então uma breve introdução acerca do surgimento das histórias em quadrinhos, o que é um tema de debate entre os entendidos no assunto, gerando diferentes teorias e constatações.

Alguns autores datam esse surgimento do período anterior ao da escrita, quando as sociedades registravam de maneira sequencial seus momentos através da pintura rupestre. Outros relacionam com a Revolução Francesa, através dos folhetins distribuídos durante o período e que divulgavam através de imagens seus ideais.

Porém, há um consenso quanto a construção das HQs como as conhecemos hoje, onde após a Revolução Industrial se desenvolveram novas tecnologias e mudando as concepções da instituição escolar, propiciando o desenvolvimento da forma de narrativa quadrinizada.

“O que importa é perceber que a partir do século XIX o desenvolvimento das técnicas de impressão e o aumento do número de alfabetizados criaram as condições que favoreceram tanto a produção quanto a circulação e o consumo de HQs.” (VILELA, 2012, p. 70). Acerca da relação entre o desenvolvimento das HQs paralelo ao da instituição escolar, Vilela afirma que:

Tanto as HQs quanto a atual concepção de escola surgiram no século XIX. Não se trata de uma simples coincidência, pois tanto a publicação regular de HQs em jornais ou periódicos quanto o surgimento de instituições de ensino para atender os filhos da classe trabalhadora estão diretamente ligadas às consequências da Revolução Industrial, iniciada na Grã-Bretanha na segunda metade do século XVIII. Outro paralelo entre as HQs e a escola é que elas não são imutáveis, ambas passaram por várias transformações. (VILELA, 2012, p. 40)

Este processo teve como reflexo as mudanças no que diz respeito as diversas produções de quadrinhos, uma vez que “As HQs atuais são muito diferentes das produzidas em décadas anteriores, refletem mudanças no perfil e no gosto do público, mudanças no perfil e formação dos seus criadores.” (VILELA, 2012, p. 40)

Contudo é apenas no século XX, com o desenvolvimento das formas de linguagem, que as HQs se popularizaram a partir do seguimento das revistas de super-heróis. Acerca deste momento Silva demonstra que:

O termo “história em quadrinhos” só foi utilizado a partir do início do século XX, quando foram inseridos balões nos desenhos com as falas dos personagens. A partir daí, as HQs se tornaram fenômeno em todo o mundo, consolidando o seu consumo entre crianças e jovens, principalmente, com o surgimento dos super-heróis, sobretudo o *Superman* em 1938. Isso marcou o começo da conhecida era de ouro dos gibis. (SILVA, 2011, p. 2)

A partir deste momento histórico se entrelaçam tanto o momento do desenvolvimento da instituição escolar quanto o período de abrangência das noções de objetos de pesquisa histórica com o surgimento da corrente historiográfica da Escola dos Annales.

4.2. AS HQS COMO FONTE DE PESQUISA

A partir do alargamento das concepções de fontes históricas delimitadas pela escola dos Annales, corrente historiográfica datada do início do século XX, proveniente de historiadores franceses, tornou possível a análise de novos objetos de

pesquisa na construção da escrita Histórica, indo além dos documentos escritos antes utilizados como única fonte plausível de estudo.

Desde que a Escola dos Annales apontou que podemos perceber evidências da História a partir de cada objeto que signifique a presença do homem, descortinou-se um mundo totalmente novo para o historiador, um mundo muito mais amplo do que aquele observado apenas através da documentação escrita e oficial. (PALHARES, s/d, p.3)

Este alargamento das noções de fontes para o estudo da História permitiu a utilização de documentos antes desacreditados, como imagens, audiovisuais e demais documentos em diferentes suportes. Havia agora uma busca de analisar os discursos e os contextos destas produções diversas tal qual novos personagens, antes deixados de lado pela historiografia tradicional.

Neste contexto então, as HQs surgem como uma possibilidade de análise documental para a produção do conhecimento histórico seja este no âmbito acadêmico ou escolar. Uma HQ enquanto artefato cultural pode ser alvo de investigação histórica, e como tal, ao analisar seu conteúdo é possível encontrar diferentes discursos, seja referente ao seu próprio conteúdo ou ao seu contexto de produção.

As HQs como qualquer produção cultural possuem historicidade. Uma revista em quadrinhos, por exemplo, pode ser considerada um artefato cultural. E como tal, pode ser objeto de investigação arqueológica e historiográfica. Poderíamos analisá-la tanto por suas características como objeto (o tipo de papel em que foi impresso, o estado de preservação, a técnica de impressão que foi utilizada, se as páginas estão grampeadas ou coladas, com a lombada quadrada etc.) quanto poderíamos analisá-la pelo seu conteúdo. Fariamos em relação ao seu conteúdo, as mesmas perguntas básicas que faríamos em relação a qualquer outro documento ou fonte histórica. Quem o produziu? Quando? Onde? Como? Com qual finalidade? A quem se destinava? (VILELA, 2012, p. 90)

Por ser uma obra que utiliza diferentes elementos de comunicação, sendo estes a imagem e o texto, tal qual as onomatopeias, elemento que representa sons que não sejam as vozes dos personagens, como o abrir ou fechar de uma porta, um tiro, um soco, etc. proporciona uma narrativa diferenciada de outras produções, podendo assim habilitar novas possibilidades de análise e utilização.

Acerca da inclusão destas onomatopeias, é importante ressaltar que essas foram introduzidas no mundo dos quadrinhos a partir da inserção do som em outro elemento artístico, o cinema, que deu origem e suporte para muitas coleções

quadrinizadas, como a que serviu de base no trabalho em questão e que também pode ser uma possibilidade de utilização em sala de aula.

Na década de 1920, quando surgem os primeiros filmes sonoros em Hollywood, os quadrinhos precisam encontrar os ruídos, os barulhos, os sons que não se encontravam presentes nos balões, fosse o bater de uma porta, o som de um objeto quebrando ou os tiros de uma arma. Surgem, assim, as primeiras onomatopéias, conferindo aos quadrinhos o status de um importante veículo audiovisual, pois estabelece uma comunicação mais direta e completa. Salientamos, aqui, o quanto as histórias em quadrinhos têm caminhado, simultaneamente, com a linguagem cinematográfica, estimulando e sendo por ela estimuladas. (CERRI, BONIFÁCIO, s/d, p. 3446)

Essas especificidades e esta relação direta com o cinema são de grande valor quando se busca compreender os diversos fatores que podem fazer de uma história em quadrinhos mais um dos elementos a serem utilizados com grande valia na busca de diversificar as metodologias empregadas em sala de aula visando um melhor aproveitamento da mesma na construção do conhecimento histórico.

Acerca das suas utilizações no âmbito escolar tal qual como objetos de pesquisa se identifica uma grande tendência de escolha por aquelas coleções e histórias que tem em seu conteúdo ligação direta com aqueles aos quais o docente está trabalhando, como por exemplo utilizar Tex como fonte para se discutir o período da expansão estadunidense para o Oeste e seus desdobramentos pelo viés do conteúdo que ela apresenta, sem problematizar seu contexto de produção, intencionalidades e outros discursos inseridos nestas produções.

A respeito desta convergência Vilela aponta:

Quando se fala em usar quadrinhos no ensino de História, há uma tendência em se usar quadrinhos que tenham ligações explícitas com os conteúdos da disciplina, em geral, histórias ambientadas (ainda que anacronicamente) em algum período histórico definido (por exemplo, durante a Idade Média) ou que remetam algum fato ou acontecimento histórico (por exemplo, a Segunda Guerra Mundial). [...] Por outro lado, as HQs que não apresentam ligações explícitas com os conteúdos tradicionalmente estudados nas aulas de História em nossas escolas podem ser de grande utilidade no ensino da disciplina, [...] Mesmo aquelas que se passem em locais ou épocas totalmente imaginárias (países ou mesmo planetas imaginários, universos paralelos, um passado mítico, um futuro utópico ou distópico). (VILELA, 2012, Pág. 141)

Fato é que o contexto de produção e os possíveis discursos subjetivos podem e devem ter o mesmo valor atribuído ao conteúdo explícito das HQs, uma vez que os mesmos contribuem para compreensão do período de sua construção,

intencionalidades e a finalidade das mesmas, abrangendo um leque ainda maior de temas a serem trabalhados em sala de aula.

O autor de uma HQ ao criar um mundo onde vivem suas personagens, não deixa de ser influenciado em algum grau pelo próprio contexto histórico em que vive, nas suas próprias experiências, naquilo que viu ou conhece. Em alguns casos, essas ligações podem ser evidentes do ponto de vista dos historiadores, mas sutis demais ou imperceptíveis do ponto de vista dos educandos. É aí que entra a figura do professor, que vai servir de mediador nessa leitura e chamar a atenção do educando para alguns aspectos, convidando-o a lançar um novo olhar sobre as coisas. (VILELA, 2012, Pág. 141)

Para Cunha (s/d, s/p.), “portanto, são muito comuns nas HQs, sejam elas de cunho fantástico ou não, a inclusão de várias referências às conjunturas políticas e sociais de seu tempo, dando às HQs um olhar do mundo à sua época, [...]”, possibilitando assim uma análise além dos conteúdos explícitos nas histórias em quadrinhos.

4.3. AS HQS COMO RECURSO DIDÁTICO

Como foi exposto neste trabalho, as HQs enquanto fontes históricas apresentam-se como uma possibilidade para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem da História, desde que sejam tomadas as devidas precauções. As mesmas enquanto documentos históricos carregados de especificidades devem ser analisadas criticamente e evitar a utilização da HQ de forma apenas ilustrativa.

No âmbito escolar, diante do desafio de lecionar despertando o interesse do educando, as HQs como fontes históricas no ensino de História, podem auxiliar estudantes a compreenderem temas complexos da disciplina.

Para Vilela:

Os maiores inimigos do aprendizado são o tédio e o desinteresse, causadores de indisciplina e apatia na sala de aula. Se o professor de História conseguir promover situações de aprendizagem que façam o aluno “viajar para outras épocas”, serão maiores as chances do educando se envolver com os conteúdos previstos no currículo. (VILELA, 2012, p. 140)

Considerando as estratégias utilizadas pelo educador como determinantes no processo ensino/aprendizagem, e levando em conta as mudanças sociais com o passar dos anos e como reflexo as mudanças nos perfis dos educandos, torna-se

condição essencial para o docente, constantemente estar aprimorando e atualizando-se neste aspecto.

No ensino de história especificamente esse processo se faz pertinente por conta de que esta disciplina está pautada em recursos impressos. Dessa forma, no ensino básico, o livro didático se torna o principal material utilizado pela maioria dos professores, o que difere do que este trabalho propõe, isto é, uma ampliação e inovação, acerca das metodologias a serem empregadas.

A partir daí se faz possível a utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula como fonte de análise historiográfica, tendo em vista que sua produção pode contribuir de diferentes maneiras para a construção do conhecimento histórico por parte dos sujeitos escolares. Palhares sugere:

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para introduzir um tema, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia. Não existem regras para sua utilização, porém, uma organização deverá existir para que haja um bom aproveitamento de seu uso no ensino podendo desta forma, atingir o objetivo da aprendizagem. (PALHARES, s/d, p. 4)

Ainda acerca de possibilidades na utilização das HQs em sala de aula, levando em consideração a importância da interdisciplinaridade durante seu uso, Santos e Vergueiro definem fundamentalmente três:

Desse raciocínio, é possível desenvolver três atividades práticas. A primeira é a leitura de uma história em quadrinhos para identificar sua linguagem e a disposição de seus elementos narrativos. O professor também pode retirar os textos dos balões e solicitar aos estudantes que elaborem novos diálogos, trabalhando a articulação texto-imagem. Outro exercício, que pode ser conduzido conjuntamente com docentes de Artes e de Língua Portuguesa, é a criação de histórias em quadrinhos pelos próprios alunos, utilizando cartolina ou sulfite. Individualmente ou em grupo, eles são orientados a desenvolver o argumento (tema, personagens, tempo e espaço da narrativa etc.) e o roteiro (quais ações e diálogos devem ocupar cada vinheta) da história e a fazer a arte (desenho e colorização). Ao final, pode-se organizar uma exposição dos trabalhos na escola, que, inclusive, servirá de incentivo a outros estudantes. (SANTOS, VERGUEIRO, 2012 p. 85-86)

Conhecer e identificar os elementos que compõem a linguagem característica dos quadrinhos possibilita sua aplicação no processo educativo. Levando em consideração algumas ressalvas, as HQs permitem criar situações pedagógicas mais atraentes que podem favorecer o processo de ensino/aprendizagem histórico.

O sucesso dos quadrinhos está na própria sedução que as imagens têm. Sua leitura muitas vezes pode ser feita inclusive por analfabetos ou até mesmo quando escritas em outro idioma, apenas interpretando a sequência de imagens. Assim, os quadrinhos se constituem uma ferramenta de incentivo à leitura, pois até mesmo pessoas não afeiçãoadas à leitura de obras densas, são leitores de gibis, por sua ordem linear e sua linguagem clara e objetiva. (SILVA, 2011, p. 2)

O exercício de utilização das HQs para percepção dos discursos subliminares, se faz pertinente na busca da compreensão de sua própria história, de sua formação enquanto cidadão da sociedade, entendendo como ela se constituiu ao longo dos tempos. Segundo Palhares, “No caso da História, os quadrinhos têm uma dupla função onde pode servir tanto como fonte de pesquisa histórica quanto um novo recurso onde os alunos possam interpretar o passado.” (PALHARES, s/d, p. 12).

O uso de HQs em sala de aula merece atenção e cuidados, tal qual um olhar crítico e reflexivo, para que não sejam cometidos anacronismos e outras formas errôneas durante sua utilização.

É sempre bom lembrar que as histórias em quadrinhos são produzidas para públicos diferenciados (infantil, adolescente ou adulto) e, portanto, não podem ser usadas indiscriminadamente. Além disso, mesmo aquelas que se destinam apenas ao entretenimento e ao lazer, cujo conteúdo não foi gerado com a preocupação de informar ou passar conhecimento, podem ser utilizadas em ambiente didático, mas exigem um cuidado maior por parte dos professores. (SANTOS, VERGUEIRO, 2012, p. 84)

Alguns são os desafios encontrados para utilização de maneira adequada e proveitosa destes elementos apresentados pelo mundo dos quadrinhos, a respeito disso Vilela(2012) aponta como alguns deles: a tendência social de colocar os quadrinhos como algo de “má influência” a jovens e crianças, quando os mesmos apresentam elementos de violência por exemplo, mas tolerando estes elementos quando apresentados em outras mídias ou manifestações artísticas. A demonstração de preconceito seja ele por causas ideológicas ou xenofóbicas, devido a seus locais de produção. A escassez de obras ricas de elementos favoráveis a sua prática voltada em sala de aula a respeito das produções acerca da História do Brasil. E por fim o descaso ou desconhecimento de grande parte do professorado acerca da linguagem e dos diferentes gêneros de HQs, levando a uma subutilização ou utilização inadequada das mesmas em sala de aula.

“A utilização do gênero das HQ é uma das formas de se produzir texto e de se incentivar e inserir as crianças no mundo da escrita pela ludicidade dos quadrinhos e dos balões. E isto exerce grande fascínio na educação.” (MELO, s/d, s/p)

Ao optar em inovar sua metodologia, o educador está acreditando no potencial de seus educandos. Ao criar condições capazes de empolgar e envolver seus alunos, o educador aproxima o conhecimento do discente e de seu cotidiano. “Uma boa “história” pode enriquecer uma aula de “História”, tornando-a mais prazerosa, mais agradável e, principalmente, mais útil.” (VILELA, 2012, p. 138).

Dentre os vários recursos pedagógicos, as HQs, explorados adequadamente, além do papel na aprendizagem dos conteúdos, tem a função de instigar o aluno a pensar, analisar e criticar.

Dentro deste processo de inserção o papel do professor enquanto mediador na construção do conhecimento histórico é o de propiciar as condições para que seus discentes possam desenvolver e explorar as ferramentas utilizadas em sala de aula.

Entender a linguagem dos quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa, produzi-los em sala de aula, individual ou coletivamente, são apenas algumas das inúmeras possibilidades a serem utilizadas pelo professor de História. Inserir um pouco de bom humor, de leitura-prazer, de ficção, de imaginação, são horizontes a serem ainda muito explorados no espaço escolar. A maioria das respostas ainda não está definida; o caminho a ser trilhado é pleno de desafios. De todo modo, uma sociedade caracterizada pela grande presença das mídias e linguagens, possibilita e exige de todo educador – e de todo professor de História – uma tomada de postura: de ir além dos limites que já nos foram dados, e descobrir novas fronteiras e perspectivas de ação pedagógica. (CERRI, BONIFÁCIO, s/d, p. 3452)

O grande diferencial entre um professor e um educador é a capacidade de fazer a diferença na vida de seus educandos, ao torna-los capazes de determinar sua vida e interagir na sociedade em que vivem de forma crítica e transformadora. Nesse contexto, as metodologias e ferramentas utilizadas, exemplo do uso das HQs potencializam o processo, desde que se tomem os cuidados necessários e se tenha propriedade para usá-las.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma análise dos resultados alcançados neste trabalho, pode-se constatar que o século XIX foi de intensas transformações no território da Argentina, uma vez que este se consolidou enquanto país, com a construção das bases políticas, econômicas e culturais para a realização do mesmo.

Foi durante a primeira metade deste século que se deu a constituição das ideologias que iriam configurar a identidade argentina, baseando-se em concepções provenientes do continente europeu, e que definiram com o passar do tempo os hábitos, e noções da sociedade do país sul-americano.

Esse processo foi responsável por determinar os objetivos da sociedade almejada, definindo o papel de cada parcela da mesma. Dentro deste modelo a ser alcançado, os *criollos* filhos dos colonos espanhóis nascidos em solo sul-americano foram responsáveis pela criação das condições para que novos colonos, vindos de diversos países europeus pudessem contribuir para a expansão e consolidação do espaço argentino.

Esses novos colonos atraídos pelas oportunidades propiciadas pela argentina, tiveram o papel de se estabelecer econômica e socialmente à fim de consolidar as mazelas que configurariam o conjunto de hábitos desejados pela esfera intelectual e política argentina.

Os indígenas passaram a ter atribuições dadas pela sociedade *criolla*, que os relacionavam a ‘barbárie’ ou seja, desprovidos de ‘civildade’, atribuição dada também ao território do pampa e da patagônia onde os indígenas habitavam, comparando tais espaços com desertos. A partir destas atribuições dadas, os indígenas, seus costumes e suas maneiras de ver a vida e o mundo passaram a ser descartados pro projeto social à ser construído no futuro da argentina.

Como observado, um dos grupo mais relevantes nesse processo de construção da identidade nacional argentina, foi o grupo chamado de “Geração de 37” formado por intelectuais como Alberdi, Sarmiento e Echeverría que como já discutimos foram responsáveis por difundir em suas produções um conjunto de discursos ordenadores, no qual o extermínio dos nativos se legitimou.

Com a década 1870, a introdução da Argentina no mercado internacional, a partir da produção de primários, o fim da Guerra do Paraguai e a modernização e profissionalização do poder bélico e militar, o Estado argentino obteve as condições

necessárias para a expansão territorial partindo de sua fronteira interna e consolidar seu espaço geográfico e cultural demarcando seus domínios. Tendo como mecanismo de expansão operações militares que ficaram conhecidas como campanha do deserto.

Acerca deste processo pode-se notar que a construção dos mecanismos que levaram a dizimação indígena, buscava equiparar a Argentina as grandes potências do período, como Inglaterra e Estados Unidos, espelhando-se nesses países e suas sociedades.

A partir de então, como foi constatado, com a construção de um conjunto discursivo e ordenador difundido pela literatura e pelas artes plásticas, pode-se expressar e difundir tais ideais, a fim de internalizá-los na sociedade argentina, o que possibilitou a positivação da campanha contra os povos autóctones.

Esse conjunto era formado por poemas, pinturas, gravuras e romances e compunham uma representação negativa dos nativos, os relacionando a violência desenfreada, aos maus costumes, desvinculando-os de Deus e da humanidade, e como tal 'demonizando-os'. Com isso percebemos que a busca da transformação do pampa em 'deserto' foi uma das prioridades na consolidação de uma ordem de verdade, uma vez que os textos e imagens representavam apenas *malones*, sequestros, massacres e construíram assim o imaginário acerca dos índios e seus territórios 'desérticos'.

Em contraponto a tais representações se dá neste trabalho a análise acerca da história em quadrinhos de Tex, no qual a Argentina é representada e como tal seus habitantes, *criollos* e indígenas indo para além da relação dicotômica 'civilização' e 'barbárie' o que se encontra é uma busca por representar relações mais dinâmicas, onde ambos os 'lados' deste confronto possuíam enquanto seres humanos, personagens 'bons' e 'ruins', o que ao nosso ver traz mais coerência.

As imagens, as cores, os diálogos que compõe a HQ em questão podem contribuir para que enquanto objeto de análise, seja na academia ou no âmbito escolar enquanto ferramenta pedagógica, se possa refletir acerca do processo, levantando questões que muitas vezes os manuais mais usuais não trazem.

Claro que enquanto recurso à ser utilizado em sala de aula a mesma precisa de objetivos, planejamento e cuidados por parte do mediador, no caso o profissional docente, uma vez que uma HQ assim como qualquer outro tipo de linguagem ficcional podem trazer consigo uma carga de estereótipos, preconceitos, anacronismos, que

se não forem discutidos e postos em pauta podem ser internalizados enquanto verdade por parte de todos que fizerem parte do processo.

A edição discutida por exemplo pode proporcionar outros olhares se for utilizada em sua versão preto e branco, retirando-se assim o elemento de cor, o que pode gerar confusão ou mal entendimento acerca do que está sendo representado. Para tal cabe ao professor o papel de mediador no processo, gerando estímulos à fim de proporcionar um melhor aproveitamento do recurso pedagógico em questão.

Vale ressaltar que a pesquisa em questão não se exauriu mas, entendemos que os resultados alcançados contemplaram os objetivos propostos, fomentando uma discussão e uma reflexão acerca desta temática, propondo uma das diversas análises que podem ser feitas à respeito da mesma.

REFERÊNCIAS

CERRI, Luis Fernando. BONIFÁCIO, Selma de Fátima. **O ensino da História e as histórias em quadrinhos:** Algumas considerações. s/d. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-090-TC.pdf>> Acessado em 09 de setembro de 2016.

CUNHA, Rodrigo Moraes. **História em quadrinho:** Um olhar histórico. s/d. Disponível em: <<http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/historiaemquadrinhoulharhistorico.pdf>> Acessado em 09 de setembro de 2016.

FONSECA, Otavio Kapor da. FOGO, Edson Luiz. **Faroeste Italiano em Quadrinhos:** Tex na Guerra de Secessão. São Paulo, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAA2UkAl/faroeste-italiano-quadrinhos-tex-na-guerra-secessao>> Acessado em 09 de setembro de 2016.

LENZ, Maria Heloisa. **O papel de La Conquista del Desierto na construção do Estado argentino, no século XIX.** Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 543-560, out. 2006. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2128/2511>> Acessado em 11 de agosto de 2016.

MELO, Rozana Machado Bandeira de. **A construção da história em quadrinhos:** seu uso cultural na mídia impressa. s/d. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/HISTORIA-E-QUADRINHO-E-MIDIA.pdf>> Acessado em 09 de setembro de 2016.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em Quadrinhos:** Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História. s/d. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>> Acessado em 22 de novembro de 2015.

POMPEU, Ana Carolina Gutierrez. **A construção da Patagônia Argentina.** 180 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) - Universidade de Brasília (Programa de Pós-graduação em História PPGHIS), Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10816/1/2012_AnaCarollinaGutierrezPompau.pdf> Acessado em 11 de agosto de 2016.

SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado:** da teoria à prática. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 27, p. 81-95, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/244/2/HIST%C3%93RIAS%20EM%20QUADRINHOS%20NO%20PROCESSO%20DE%20APRENDIZADO.pdf>> Acessado em 09 de setembro de 2016.

SILVA, Rafael Laytynher. **A contribuição das histórias em quadrinhos de super-heróis para a formação de leitores críticos.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. São Paulo. 2011. Disponível em:

<http://www.usp.br/anagrama/SilvaLaytynher_hqleituracritica.pdf> Acessado em 09 de setembro de 2016

SOUZA, Fábio Feltrin de, **O pampa argentino e a conquista do deserto:** uma relação discursiva, *Dimensões*, v. 35, 2015, p. 110-127. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/12515/8712>> Acessado em: 11 de Agosto de 2016.

VILELA, Marco Túlio Rodrigues. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história:** avanços, desafios e limites. 341 f. Dissertação (mestrado em Educação) -- Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.